

NOIRMARRAQUEX

MARRAQUEXENOIR

MARRAQUEXENOIRMARRAQUEX

NOIR**MARRAQUEX**NOIR

MARRAQUEX**NOIR**MARRAQUEX

MARRAQUEXENOIR

NOIRMARRAQUEX

NOIRMARRAQUEXENOIR

MARRAQUEXENOIR

MARRAQUEXE



**FOUAD LAROUÏ
ALLAL BOURQIA
ABDELKADER BENALI
MOHAMED ZOUHAÏR
MOHAMED ACHAARI
HANANE DERKAOUÏ
FATIHA MORCHID
MAHI BINEBINE
MOHAMED NEDALI
HALIMA ZINE EL ABDINE
MULAY SEDDIK RABBAJ
YASSIN ADNAN
KARIMA NADIR
TAHA ADNAN
LAHCEN BAKOUR**

MARRAQUEXE NOIR

YASSIN ADNAN
[ORG.]

TRADUTOR
FELIPE BENJAMIN FRANCISCO

Tabla.

9 INTRODUÇÃO

19 PARTE I: CRIMES PENDENTES

- 20 FOUAD LAROUI, A tela misteriosa
- 44 ALLAL BOURQIA, Desaparecimento ruidoso num beco de má fama
- 72 ABDELKADER BENALI, Vendo Marte de Marraquexe
- 94 MOHAMED ZOUHAIR, Outros lugares
- 118 MOHAMED ACHAARI, A múmia no palácio do paxá

151 PARTE II: VERMELHO E PRETO

- 152 HANANE DERKAOUI, O caminho para Meca
- 184 FATIHA MORCHID, O segredo está na ponta dos dedos
- 210 MAHI BINEBINE, Delírio
- 220 MOHAMED NEDALI, À procura de um filho
- 234 HALIMA ZINE EL ABDINE, Mamãe Aicha

267 PARTE III: FORA DOS MUROS

- 268 MULAY SEDDIK RABBAJ, O monstro de Frankenstein
- 282 YASSIN ADNAN, Um e-mail do céu
- 310 KARIMA NADIR, Uma vida estilhaçada
- 334 TAHA ADNAN, Um amor negro
- 364 LAHCEN BAKOUR, Pronto para morrer

INTRODUÇÃO

CIDADE DE ALEGRIAS

E TRISTEZAS

YASSIN ADNAN

Q

Quando a Akashic Books me convidou para organizar esta antologia, nem me passou pela cabeça que eu estava me metendo numa enrascada daquelas. Marraquexe, a cidade vermelha — ou simplesmente *Al-Hamra* —, como muitas vezes a chamam, esteve ligada à cor escarlate desde a sua fundação em 1062 (454 H.), pelo príncipe almorávida Yussuf Bin Tachfin. Por isso, é difícil escolher outra cor para ela agora. E dentre tantas cores possíveis, justamente o preto! Afinal de contas, a cidade é vermelha, e sua gente passa dia e noite erguendo as mãos para o céu e implorando a Deus que afaste dela a escuridão, o desalento e o mau humor.

Talvez só as palmeiras consigam se recordar daquele passado remoto e sombrio quando salteadores, escondidos detrás de seus troncos, saqueavam as caravanas de passagem por ali. Sempre que os camelos das tribos dos Masmuda chegavam no local que, um dia, um sábio almorávida iria se instalar — isto é, Marraquexe —, os viajantes apressavam-se, murmurando entre si, com medo, um abafado *murkuch* — “aperte o passo”, em sua língua. Segundo algumas lendas, essa seria a origem do nome da cidade, que acabou perdendo, ao longo dos séculos, a função de alertar para o perigo, bem como outras conotações mais obscuras.

Hoje, os marroquinos chamam Marraquexe de *Madinat al-Bahja* (“cidade da alegria”), ou apenas *Al-Bahja* (“a alegria”), famosa justamente pela vida animada. Ela é o destino dos que buscam a felicidade, mas também diversão noturna. Seus dias são ensolarados e suas noites iluminadas. Por isso, seus admiradores estão sempre prontos para ler qualquer história sobre a cidade, menos aquelas envoltas pelas trevas. Até mesmo os contadores de causos populares na praça Jamaa al-Fna evitam narrar contos sombrios em suas fascinantes *halqas* — as tradicionais performances rodeadas de espectadores curiosos.

Eu ia bastante à Jamaa al-Fna na infância. Me divertia à beça com as apresentações de música Gnawa, mas fugia dos encantadores de serpente. Os macacos não me chamavam muito a atenção nem os dançarinos ou os cantores, mas eu sempre parava um pouquinho para assistir a disputas de pugilismo injustas, uma dessas lutas absurdas entre um peso-pena e um brutamontes. No ringue, às vezes, enfrentavam-se rapazes e moças, e era comum os homens serem nocauteados pelas mulheres. No entanto, as apresentações que de fato me cativavam eram as contações de história — as *Mil e uma noites*, as azalianas e as antarianas, a epopeia dos Banu Hilal, entre tantas outras. Ainda assim, bastava ver o Médico de Insetos indo para algum canto da praça, que eu me distraía e corria atrás dele. Para mim, ele era a estrela do lugar. Teve uma época em que sentimos a falta dele, porque ficou sem aparecer em Jamaa al-Fna por muito tempo. Seu público sabia bem que o vício, assim como o hábito de beber em público, sempre o levavam à prisão. Quando retor-

nava, nós, espectadores fiéis, repetíamos toda vez a mesma pergunta: “Doutor, onde o senhor estava?”, e ele respondia sereno: “Na Holanda”. Por causa do Médico de Insetos, “Holanda” tornou-se uma espécie de eufemismo de “prisão” para os habitantes de Marraqexe. Certa vez ele não se apresentou por meses a fio. Quando reapareceu, o recebemos com o mesmo entusiasmo de sempre. Desta vez, porém, alegou ter ido para a América. “Estava trabalhando com o exército americano”, complementou confiante. Dissemos: “Agora o senhor está indo longe demais, doutor”. Ao que nos respondeu: “Por favor, não me entendam mal. Não estava combatendo ao lado deles. Deus me livre e guarde. Na verdade, trabalhei em uma delegação marroquina especial, que tinha como missão fazer uma salada para as forças norte-americanas”.

O conto da carochinha do doutor atraiu um público enorme, atento a cada palavra dele. O Médico de Insetos nos contou que o exército norte-americano era imensurável e, como não havia recipiente grande o bastante para a salada dos soldados, esvaziaram um lago imenso e trouxeram caminhões carregados de tomate, cebola e pimentão verde, tudo bem picado ao modo marroquino. Mangueiras de carros de bombeiro despejaram milhares de metros cúbicos de azeite na salada. Sal, cominho e pimenta-do-reino ficaram a cargo de helicópteros, que os espargiam lá do alto. “E o doutor, onde que entra em toda essa produção cinematográfica?” Ele nos lançou um olhar de reprovação e prosseguiu: “Meu papel era essencial. Com um bote de borracha, eu remava pelas laterais do lago enquanto me comunicava por rádio com os pilotos dos helicóp-

teros. ‘Esta área precisa de mais sal’, eu dizia, e, assim que o helicóptero recebia minha ordem, despejava o sal; ‘está faltando pimenta-do-reino aqui’, e assim por diante”. Tudo isso para uma das atrações mais famosas da praça Jamaa al-Fna não confessar que tinha sumido por estar atrás das grades. Tudo isso para esquecer a prisão. Para não lembrar, ao fazer o relato, a humilhação passada na mão dos carcereiros durante a estadia na cadeia.

Viram como não é fácil? O marraquexi é capaz de criar histórias cheias de cor para não encarar a escuridão da realidade e o amargor da vida. Para eles, o mais importante é proteger as narrativas, para preservar o espírito bem-humorado de Marraquexe. É uma missão muito difícil. Mesmo assim, tentei encontrar quem se arriscasse e pudesse embarcar nessa aventura. Um dos grandes literatos da cidade negou logo ao primeiro contato. Foi categórico: “Quando precisar de uma história sobre Marraquexe, pode contar comigo. Posso escrever sobre os segredos, os sonhos e os escândalos da cidade, mas não sobre crimes”. Pensei que talvez ele tivesse razão. Afinal, esta cidade é famosa pelos escândalos e não pelos crimes. Os habitantes de Marraquexe não se cansam de lembrar essas histórias, devido à paixão que nutrem por elas. Eles espalham rumores empolgados, adicionando muito tempero aos fatos e aos acontecimentos. No entanto, rapidamente fingem esquecer as narrativas obscuras, a fim de que o bom humor da cidade permaneça intacto.

Pedi textos a contistas e romancistas de diferentes gerações. Todos ficaram empolgados de participar em um primeiro momento, mas depois vinham as per-

guntas: “Por que noir? E por que crime?”. Questões legítimas, não posso negar. Afinal de contas, não temos tradição no campo desse gênero literário no Marrocos. Nas décadas de regime autoritário, “difamar” eliminou a necessidade de “investigar”, e “falsas acusações” tomaram o lugar do “interrogatório”. Uma única sessão de tortura servia como prova cabal, entregue em uma bandeja de chumbo. Os marroquinos tiveram que esperar a morte do rei Hassan II, que governou o país com mão de ferro, para ler pela primeira vez um romance policial, intitulado *Le Poisson Aveugle* [O peixe cego], de Miludi Hamdouchi, apenas um ano após a morte do monarca. A mesma coisa aconteceu com nossos vizinhos na Espanha, onde o primeiro romance policial só pôde ser publicado em 1975, após a morte do general Franco.

Desde 2000, o número de romances policiais escritos por marroquinos — em árabe ou francês — não chegou a trinta títulos. Não há uma coletânea de contos sequer, apenas romances. Exatamente por isso parecia que eu queria atrair os escritores da cidade para uma armadilha ou, na melhor das hipóteses, para uma terra desconhecida. Um verdadeiro desafio. Alguns recusaram o convite, porque não queriam se arriscar em um gênero literário que desconheciam. Outros tentaram, mas não conseguiram se aliar às sombras. Já um terceiro grupo se aventurou, e o resultado são os quinze contos desta antologia.

Os escritores tentaram criar enredos inspirados em crimes antigos, escondidos atrás dos portões da cidade e dos quais Marraquexe não fala, ou em histórias recentes, ocorridas devido às transformações que Marraquexe

passou ao se tornar um dos destinos turísticos mais atraentes da África e do mundo árabe. É desse modo que a prostituição aparece ao lado de prisões arbitrárias, violência, assassinato e terrorismo. E pobreza, corrupção e adultério dividem espaço com contos sombrios inspirados na realidade de hospitais psiquiátricos.

São histórias que, apesar da variedade, permanecem enraizadas no solo marroquino. Dessa forma, os escritores almejavam — por meio de contos em árabe, francês e uma história em holandês — aproximar os leitores das diversidades linguística, cultural, religiosa e étnica da cidade. A Marraquexe árabe, amazigue, africana; mas também muçulmana, sem esquecer seu histórico Mellah, o tradicional bairro judeu. Essa que é a capital turística do reino, a cidade alegre e triste, cidade da vida simples, cidade conectada às capitais europeias mais importantes, com voos diários via seu aeroporto internacional, cidade de uma nova comunidade europeia, reduto de inverno de franceses aposentados e refúgio de imigrantes africanos da região subsaariana; cidade das noites cor de sangue e do turismo sexual, cidade de uma nova geração de criminosos. Todos esses elementos se destacam nos contos desta antologia, não importa quão sórdidos sejam. Os autores não criaram apenas histórias, mas tentaram escrever a própria Marraquexe. Experimentaram pintar coletivamente, cada um por meio de sua ficção, um retrato amplo e abrangente da cidade, sua tristeza, sua violência, sua tensão e suas trevas, mas sem deixar de lado o espírito alegre do local. O leitor é convidado a buscar a melancolia escondida detrás da máscara da alegria, a tragédia oculta no âmago da comédia.

As histórias se diversificam segundo a variedade de espaços da cidade. Adentramos a medina para um passeio pelas residências de Dar al-Bacha e Riad Zitun, pelos portões de Bab Dukkala a Bab Agmat, seguindo pelas vielas de Darb Dabachi e Darb Sidi Buluqat; tudo isso antes de sermos levados para além dos muros da Marraquexe antiga, chegando aos bairros novos, que cresceram após a independência e se transformaram em cinturões de pobreza — como é o caso de Sidi Yussuf Bin Ali —, ou ficaram sujeitos à expansão urbana e demográfica, adaptando-se para receber a classe média — como Massira e Saada. Outro conto nos leva ainda a Amarchich: o hospital psiquiátrico de Marraquexe, cujo bairro residencial vizinho compartilha com o centro médico o enorme fardo do nome.

No entanto, o lugar que não se pode evitar em Marraquexe é a praça Jamaa al-Fna. Ela aparece em quase todos os contos. Ou a história começa na Jamaa al-Fna ou termina nela. Mais cedo ou mais tarde, o leitor se vê numa encruzilhada formada por essas histórias sombrias, nesse lugar cheio de vida, considerado pela Unesco, em maio de 2001, Patrimônio Cultural Imaterial da Humanidade.

Em outros momentos, porém, a praça é um espaço de alegria por excelência, que reúne cantores e dançarinos, contadores de histórias e charlatões, palhaços e ladrões de sonhos, domadores de macacos e encantadores de serpentes, além de quiromantes e tatuadoras de hena. À noite, esse mesmo lugar se converte no maior restaurante a céu aberto do mundo árabe. Quem ousaria seguir pistas obscuras em meio a uma praça

consagrada à alegria e à beleza? Foi exatamente isso que fez desta antologia um verdadeiro desafio para mim, enquanto organizador, e para todos que participaram. Deixo para o leitor decidir se tivemos êxito na tarefa.

*Yassin Adnan
Marraquexe, Marrocos
Junho de 2018*



**PARTE 1:
CRIMES
PENDENTES**

A TELA MISTERIOSA

FOUAD LAROUI

Bab Dukkala

E

le entrou pela porta do restaurante às 12h15, do jeito que sempre fazia.

O inspetor Hamdouch era metódico, *quase maníaco*, nas palavras de sua falecida esposa — uma francesa do Marrocos, vítima de tétano poucos anos depois de se casarem. Viúvo e sem filhos, Hamdouch almoçava todos os dias, ou quase todos, no restaurante Délices de l'Orient, em frente ao palácio do paxá Glai.

O proprietário do restaurante, Driss Bencheikh, cuidava para que a mesa do inspetor estivesse sempre reservada das 12h às 14h. Caso um turista distraído ou algum residente desavisado ousasse se sentar à mesa do inspetor, Bencheikh indicava outra mesa de modo autoritário, pois agia — de certa forma — em nome do *Makhzan*, o Reino do Marrocos, o que explicava seu comportamento um tanto rude. Afinal, não se questiona a autoridade do Reino.

Assim, Hamdouch sentava-se na mesma cadeira, todos os dias, exatamente às 12h15. Na parede à sua frente, a apenas duas mesas de distância, havia um grande quadro. Na verdade, o quadro só apareceu, de forma misteriosa, na terceira vez que o inspetor foi ao restaurante. Aquilo o deixou levemente incomodado. Até então, tudo que havia diante dele era uma parede ocre sem graça. Hamdouch almoçava olhando para o

vazio, o que lhe aprazia bastante, pois podia ficar ali pensando na vida. Até que um dia, inesperadamente, aquele enorme retângulo colorido materializou-se diante de si.

O policial não era um homem das artes, mesmo apreciando a poesia musicada do *malhun*. Em todo caso, não entendia nada de pintura. No início, percebeu algo novo em seu campo visual, mas não lhe deu a devida atenção. Era uma pequena mudança em sua rotina, circunstância que até o incomodava, mas que estava longe de ser, como dizem por aí, o fim do mundo. Ele retomou seu hábito de olhar para fora, pela janela, como se monitorasse o vaivém dos transeuntes — sem dúvida, um cacoete da profissão, mas quem não tem suas manias?

Um dia, se cansou de observar as pessoas na calçada, com sua balbúrdia odiosa, os numerosos turistas de sempre, que partiriam de vez no dia seguinte. Virou-se então para a esquerda, com o copo de chá na mão, e se deteve na tela. Apertou um pouco os olhos por causa do reflexo da luz, até que conseguiu distinguir a cena pintada em cores berrantes, com diversos personagens. Um deles prendeu sua atenção. Examinou cuidadosamente a silhueta. Minha nossa!

Hamduch franziu o cenho e gritou para o proprietário: “Si Driss!”

O dono do restaurante correu em sua direção, enquanto secava as mãos com uma toalha branca. Abaixou-se, esboçando um sorriso tímido, pronto para atendê-lo. O inspetor apontou para a razão de sua ira com a mão direita, a mesma que segurava o chá, de modo que parecia brindar — talvez à arte?

“Esse... esse... *tableau!*”, disse o inspetor em francês, já que certamente não conhecia a palavra “quadro” em árabe, ou, quem sabe, já a tivesse esquecido.

“*Oui, Si commissér?*”, disse o proprietário em tom atencioso e servil.

Hamdouch baixou a voz, que inspirava ameaça — ele sabia exatamente como e quando deveria falar assim; afinal, não se tornara inspetor de polícia à toa.

“Por acaso é Sua Majestade o rei, que Deus o guarde, que está representado no centro da pintura? A maneira como o pintaram beira o desrespeito!”

Por obrigação, Driss lançou um olhar relâmpago para o personagem que ocupava o centro da tela e respondeu sem hesitar: “Não, meu Deus, não! Esse é o paxá... digo, o antigo paxá, Mulay Mimun”.

Hamdouch insistiu: “Mesmo assim, ele está no centro, como se fosse um senhor montado num belo cavalo”. O inspetor, então, apoiou o copo na mesa e, com o dedo em riste, indicou o que descrevia: “Atrás dele há alguém com um grande guarda-sol branco e muitas pessoas viradas na sua direção... Na verdade, todos estão posicionados como se Sua Majestade estivesse na cerimônia de lealdade durante a Festa do Trono”.

“Eu lhe asseguro, *Si Hamdouch*, que se trata do paxá. Mesmo que os traços dele não estejam evidentes, é possível distinguir seu cavalo preferido.”

Aliviado, o inspetor perguntou novamente: “Que paxá é este? Seria *Si Lamrani?*”.

“Não, não. Como eu lhe disse, trata-se de seu antecessor, *Mulay Mimun.*”

“Só queria me certificar.”

O inspetor, satisfeito, assentiu com a cabeça, deu mais um gole no chá e voltou a examinar a cena movimentada da tela à sua frente com suas cores sugestivas. Após aguardar alguns minutos, o dono do restaurante viu que sua presença não era mais necessária e se retirou, espantando moscas imaginárias com a toalha.

No dia seguinte, quando Hamdouch se sentou à sua mesa, olhou de imediato para a pintura, antes mesmo de dar uma espiada na rua. Com olhar sombrio e semblante tenso, concentrou-se fixamente no quadro.

Havia sonhado com a pintura a noite inteira.

O inspetor odiava sonhos. Ficava furioso sempre que se lembrava de algum sonho ao despertar. Sentia-se insignificante e humilhado. Tinha a impressão de ter perdido o controle de si mesmo naquelas aventuras noturnas em que tudo parecia possível — e qual o seu propósito, meu Deus? Será que os gatos também sonhavam? Sentado na cama, recitou a tradicional invocação muçulmana: “Maldito seja Satã!”. Como não era um tipo totalmente inculto, logo se perguntou o que diria a psicanálise de seus sonhos absurdos. Havia um número razoável de psicanalistas em Marraquexe — ele tinha alguns cartões de visita —, mas com certeza não iria se consultar com nenhum deles. Seria reconhecer a derrota. Você não manda um inspetor de polícia se deitar num divã. É ele quem interroga os suspeitos e não o contrário. E quem poderia ser mais suspeito do que um laciano em Marraquexe?

Naquela noite, sonhou com o quadro que decorava a parede do restaurante. No sonho, a cena pulsava,

viva; de certa forma, o policial fora engolido por ela. Viu-se acompanhando os passos do alazão que levava o paxá, enquanto todos o ignoravam e o empurravam — que falta de respeito com sua patente! Em meio ao caos do ambiente — burburinho, furor, poeira —, um dos homens da pintura tentou enfiar um saco de lona em sua cabeça — isso mesmo, um saco de lona! —, como aqueles que a polícia secreta usava nos velhos tempos, na década de 1970, os anos de chumbo, quando se sequestravam políticos, sindicalistas e estudantes de filosofia. Que absurdo! Ele, o inspetor Hamduch, *mkhennech*, ensacado! Era o mundo virado do avesso! De tanta indignação, despertou. Suava e tremia da cabeça aos pés.

Agora, comia sua salada de pimentão com tomate, os olhos fixos na pintura maléfica, como se quisesse descobrir algum segredo nela. Na verdade, fora tomado por um sentimento estranho durante sua intrusão noturna naquela cena que parecia eternamente congelada: todo mundo observava o paxá, o que era perfeitamente natural — até um cachorro estava virado para ele —, mas o inspetor havia sentido que todos aqueles olhares estavam, de certa forma, carregados. Nenhum demonstrava a menor curiosidade ou admiração — que bela procissão! — ou mesmo a tão conhecida *hiba*, “medo reverencial”, sobre o qual se alicerçava a estrutura do *Makhzan*. Aquelas miradas expressavam algo mais. Estavam carregadas, pensou o inspetor, frustrado com sua inabilidade em encontrar palavras para descrever o que observava, pois seu repertório de adjetivos era muito limitado nas duas línguas que conhecia: o árabe e o francês.

Hamduch refletia, resignado — os olhos na tela, o garfo no ar com um pedaço de pimentão. “Vou abrir uma investigação”, murmurou em voz baixa.

Ao captar algumas palavras incompreensíveis, o dono do restaurante se apressou: “*Monsieur le comisér?* Mais pão? Quem sabe um pouco d’água?”.

Pego de surpresa, o inspetor desatou a tossir e apontou com o garfo para a parede — o pedaço de pimentão dependurado bem na ponta do talher. Em seguida, ouviu sua própria pergunta: “Quem pintou esta tela?”.

O proprietário olhou para o garfo, depois para a parede, depois para a tela. Linhas expressivas despontaram horizontalmente em sua testa — tinha o ar de quem refletia —, e por fim respondeu: “É de um jovem chamado Brahim Labatt. Ele morava num bairro próximo, ao lado do *suq* dos artesãos de ferro”. Driss se aproximou do investigador e, adotando o ar fúnebre que precede este tipo de revelação, cochichou: “Suicidou-se alguns anos atrás. Que Deus nos proteja”. Pronunciou de forma quase inaudível. “Parece que esta tela foi seu último trabalho antes de...”

Driss não terminou a frase. O inspetor, por sua vez, gravou na memória a informação e naquele momento abriu — sempre mentalmente — um dossiê em nome de Brahim Labatt, jovem falecido sob circunstâncias suspeitas. O inspetor sabia — as estatísticas não mentiam — que o suicídio era raro em terras do islã. Por isso precisava esclarecer aquela situação. Com um gesto desenvolto e o pimentão precariamente equilibrado na ponta do garfo, interpretando seu papel vagamente acusador, pediu que Driss se retirasse. O proprietário do restaurante correu para receber um

grupo de turistas japoneses que acabava de entrar, e deu para ouvi-lo louvar seu espaço e sua cozinha num inglês trôpego, ousando barulhos de sucção: “*The best in Marrakech, of course!*”.

Hamduch terminou a refeição sem conseguir tirar os olhos do quadro. Tratava-se de uma mera obra de arte ou de algo mais? E, afinal, o que era a arte? O policial perdeu-se num abismo de ideias.

De volta ao escritório, Hamduch chamou um de seus agentes, Ba-Mus, conhecido como “Computador” graças à sua memória extraordinária, pelo menos quanto a crimes, contravenções e outras ocorrências excepcionais na área. Fora isso, não sabia mais nada. Ba-Mus nunca fora transferido para outra unidade, pois transferi-lo significaria perder um computador, ou seja, perder todos os dados que ele armazenava — e ninguém queria uma coisa dessas.

Baixo, de corpo franzino e olhos verdes, o homem-máquina entrou na sala do chefe, que cortou direto para o assunto e foi logo dizendo: “Ba-Mus, já ouviu falar de um tal Brahim Labatt? Um pintor?”.

Como se Hamduch tivesse apertado a tecla “Enter”, Ba-Mus ficou na posição de sentido, limpou a garganta e começou a apresentar as informações: “Brahim Labatt, filho de Abd al-Mula, era encanador. Não terminou o secundário e era o único filho da viúva Halima, com quem morava no Darb Dakkak, onde permaneceu sozinho após a morte da mãe. Era também pintor amador, pode-se dizer. Pintava quando não tinha trabalho, o que era bastante frequente, e expunha suas obras na rua, próximo à barbearia. Chegou a vender alguns quadros

para turistas alemães”. Seguiu-se um breve suspiro antes de anunciar as más notícias: “Desculpe, chefe... Brahim Labatt cometeu suicídio 7 ou 8 anos atrás. Por enforcamento. Que Deus tenha misericórdia de todos nós!”

Hamduch assentiu com a cabeça, com um esgar nos lábios — era como agradecia seus subordinados —, depois perguntou: “Temos certeza de que foi suicídio?”

“Só Deus sabe, chefe.”

“E fora Deus?”, Hamduch retrucou, impaciente. A resposta de Mouss beirava a blasfêmia; onde já se viu um computador invocar o nome de Deus? “Quero fatos e números, deixe Deus para os especialistas, como os *faquis*.”

“Seu antecessor, o inspetor Madani, arquivou o caso como suicídio. O pobre pintor tinha...”

“Espere!”, disse Hamduch, espantado. “Quer dizer que Madani arquivou o caso?”

“Sim, e o arquivou imediatamente... isto é, bem rápido. O caso não tinha nada de suspeito.”

“Ótimo, isso é tudo. Está dispensado.”

Ba-Mus assentiu com a cabeça sem dizer palavra e se retirou.

O inspetor começou a esfregar a testa freneticamente com a ponta dos dedos da mão direita. Sentia um início de enxaqueca, sinal de que uma intuição se aproximava, do tipo que em outros tempos o ajudara a desvendar casos especialmente difíceis. Sua falecida esposa, Hélène, meio brincando, meio afetuosa, costumava chamar esses episódios de “*les migraines de mon Maigret*”. Ha, ha. Ele devia o sucesso da carreira à intuição. Sua mais recente transferência da cidade de Safi para Marraquexe fora uma bela promoção por ter

solucionado diversos crimes, entre eles o do “Açougueiro de al-Majd”, que havia saído em todos os jornais e aterrorizado a população.

O que deixava sua mente em chamas no momento era uma coincidência de que acabava de se dar conta: o homem do sonho que tentara enfiar um saco em sua cabeça...

Mas, antes disso... vamos do começo: Madani, o ex-chefe de polícia, tinha sido forçado a se aposentar depois de um escândalo — desvio de recursos públicos, tudo uma grande confusão —, do qual não participara diretamente, mas em que acabara implicado por tentar acobertar o principal beneficiário; que era ninguém mais, ninguém menos que o ex-paxá Mulay Mimun.

Portanto, havia dois suspeitos nessa história, além do enforcado. E um quadro ligando os três.

Hamduch começou a se lembrar do homem que tentava enfiar o saco em sua cabeça no sonho, e *voilà*: era Madani! Hamduch o reconheceu na pintura e agora o ex-policial ressurgia no meio da noite, do fundo de seu subconsciente, parecendo querer matá-lo. “Essa história está se complicando”, murmurou.

O inspetor saiu correndo do gabinete, caminhou a passos firmes pela rua Fatima Zahra e virou à esquerda em direção ao restaurante. Àquela hora da tarde o lugar estava praticamente vazio. Um gato dormia encolhido no canto, e apenas três turistas franceses demoravam-se com seus cafés. Ignorando a expressão de estranhamento do proprietário — por que raios Hamduch tinha voltado? —, o inspetor seguiu direto para a pintura, a fim de confirmar sua intuição.

Sim, não havia dúvida de que a pessoa representada ao lado do belo cavalo do paxá era de fato Madani. Era possível reconhecer seu rosto repulsivo, pintado de maneira grosseira, como uma caricatura. No entanto, a própria natureza parecia já ter se encarregado de caricaturar aquele homem horrendo e corrupto, e o pintor nem precisara se esforçar muito.

O inspetor notou mais um detalhe que fez piorar sua enxaqueca. Ainda que todos os personagens tivessem o olhar carregado — por falta de adjetivo melhor —, havia uma exceção: Madani, o ex-chefe de polícia, para quem Hamduch agora voltava toda a sua atenção, não estava olhando para o paxá; ele encarava o observador da obra. Naquele exato momento, Madani parecia examinar o rosto do homem que o sucedera: Hamduch. Sua expressão revelava perplexidade, misturada com medo e certa altivez, além de... algo mais. O que seria?

E outra coisa: a mão direita de Madani, que dava a impressão de acariciar o pescoço do cavalo, na verdade estava sobre a mão esquerda do paxá Mulay Mimun. Os dois, com as mãos juntas, pareciam enfrentar a fúria da multidão.

Sim, fúria! Era o que significavam os olhares “carregados” que Hamduch notara. Era isso! Evidentemente, o falecido Labatt estava longe de ser um Rembrandt, afinal nem sempre conseguira pintar o que queria, mas estava claro que era “fúria” o que pretendia mostrar no rosto daqueles figurantes, exceto no dos dois protagonistas: o paxá e o ex-chefe de polícia.

O inspetor se virou para os três turistas, abriu um sorriso cordial, apesar da dor que lhe partia o crânio, e lançou um animado: “*Bienvenue à Marrakech!*”.

Ele falou em francês, com o “r” vibrante. Surpre-
sos, os três homens hesitaram alguns segundos para
se certificar de que aquele sujeito elegante, de cabelo
grisalho e bigode bem aparado, não era mais um
pedinte, um inconveniente ou ainda um Clark Gable
ressurgido dos mortos. Isso feito, responderam à sua
saudação: “*Merci, Monsieur...?*”.

“Hamduch, a seu dispor.” Houve uma pausa. “Sou
um amante da pintura e gostaria de pedir a opinião dos
senhores”, disse enquanto indicava o quadro como se
fizesse um convite. “O que acham?”

Entretidos com essa surpresa na encantadora
cidade de Marraquexe, os três homens se levanta-
ram e foram até a pintura. Havia bebido duas boas
garrafas de Volubilia e, animados, decidiram espon-
taneamente — sem combinar nada — bancar os espe-
cialistas. Poderia ser divertido; estavam de férias e
teriam uma história para contar quando voltassem
para Paris. Então, seguiu-se um festival de frases
prontas em tom afetado.

“Essa luz, senhores! Essa luz... há algo aqui de Claude
Gellée, mais conhecido como Le Lorrain...”

“Vejam o drapeado daquela jelaba naquele canto... é
maravilhoso.”

“E esse cavalo, a energia, o movimento... é Delacroix
puro! Veja este nobre cavaleiro... não seria o seu rei?”

O inspetor, que estava chegando ao limite de sua
paciência por causa da enxaqueca, resolveu acabar com
a festa: “Senhores, acalmem-se! Se me permitem, gos-
taria de lhes fazer uma única pergunta. O que veem
nos olhos desses homens todos? Esqueçam o cavaleiro,
interessa-me saber dos outros”.

O trio de turistas interrompeu sua pantomina e começou a trabalhar. Eles examinaram os rostos congelados na pintura, e o veredicto foi unânime: “Oh là là, eles não parecem felizes, não parecem amigáveis de forma alguma. Eu diria até que estão furiosos”.

Hamduch, satisfeito, apontou para um sujeito específico: “E este aqui?”. Indicava o ex-chefe de polícia, Madani. Os três turistas aproximaram o rosto, quase tocando a tela com o nariz. Desta vez, suas impressões diferiam.

“Um sujeito asqueroso”, disse o primeiro.

“Arrogante”, continuou o segundo.

O terceiro, um ruivo desengonçado, levou algum tempo para se manifestar: “Não, senhores. Ele tem um ar de culpa. Como um delinquente pego com a boca na botija. Um infeliz que se entrega pela expressão do rosto”.

Os quatro ficaram examinando a cara asquerosa daquela figura. Não havia dúvida. Isso mesmo: ele tinha um ar de culpa.

“Bravo, Christian!”, exclamaram os companheiros do ruivo, que reagiu com modéstia.

Satisfeito, Hamduch agradeceu aos franceses pelos comentários. Um deles tomou coragem e disse, sorrindo: “E agora o senhor vai tentar nos vender esse lixo? Boa técnica! Bravo! Caímos feito patinhos. Quanto é?”.

Com ar glacial, Hamduch respondeu: “Não sou vendedor de quadros. E, a propósito, este... isto não me pertence. *Au revoir, messieurs!*”.

O trio voltou a seu lugar, animado com a apresentação. No momento em que o inspetor estava saindo, o tal Christian o chamou novamente: “Ei, tem mais uma coisa que não vai bem nesse lixo de quadro... desculpe, nessa pintura”.

O ruivo se levantou para apontar um detalhe no canto inferior esquerdo.

“Não sou nenhum especialista, obviamente, muito pelo contrário, mas nunca vi um *zallige* numa muralha. Este mosaico aqui é um *zallige*, não?”

Hamduch, que já estava na porta, se virou e foi até o quadro. Com o indicador tocou o ponto que Christian mostrara. “É isso mesmo”, murmurou, perplexo. “Um *zallige* amarelo na parede exterior de uma muralha não faz nenhum sentido.”

Como não tinha visto esse detalhe? Estaria perdendo sua capacidade de observação? Ficou constrangido por alguns instantes, mas não deixou transparecer.

Christian voltou para a mesa, onde seus companheiros o provocaram, alegres: “Que olho ele tem! Que olho clínico!”.

Enquanto isso, Hamduch saía de cena, perdido em seus pensamentos.

De volta ao gabinete, deixou a porta aberta e consultou seu computador: “Ba-Mus!”.

Sua voz ecoou por toda a delegacia, e o homenzinho surgiu quase instantaneamente, os olhos mais verdes do que nunca. Era como se o tom melancólico tomasse seu rosto inteiro, de modo que ele parecia um minúsculo marciano despertado da sesta.

“Quero que você me conte tudo que sabe sobre o paxá Mulay Mimun”, bradou o inspetor. “Tudo! Fatos, devaneios, rumores, fofocas... tudo!”

Ba-Mus suspirou e começou a relatar a rica vida do paxá.

O inspetor deixou a enxurrada de informações fluir, interrompendo o computador humano aqui e ali para

pedir esclarecimentos. Quando Ba-Mus acabou, Hamduch se manteve em silêncio por um instante. Então disse: “Essa história sobre o assassinato de um rival. Pode me falar mais disso?”

“É só um rumor, chefe. E não há nenhuma prova de que houve assassinato. Um funileiro, um tal de Daduchi, tinha pedido a mão de uma linda mulher do bairro de Kannaria, o que lhe foi concedido. Os preparativos para o casamento estavam indo bem... para azar do funileiro! Acontece que o paxá Mulay Mimun tinha interesse nessa mesma mulher. E um dia Daduchi desapareceu. Saiu para atender um cliente e não voltou. Nunca mais foi visto. Então, após alguns meses, o paxá levou a moça para o seu harém. No entanto, ele a rejeitou meses depois, para a ira e a vergonha da família da mulher.” Ba-Mus baixou a voz. “E se espalhou o boato de que havia sido ele, o paxá, quem tinha sumido com o artesão.”

“Cui bono?”, Hamduch murmurou. O inspetor conhecia umas poucas expressões latinas de grande valor prático que circulavam na École de Police, um legado dos franceses.

“O que disse?”

“Nada, nada, continue.”

“Eu estava dizendo que circulava à boca pequena que foi o paxá quem sumiu com o Daduchi. E tem mais: houve rumores de que a prova do crime estava por aí e que um dia ela viria à tona.” Ba-Mus hesitou um instante, depois soltou: “Falava-se que a verdade seria revelada por um pássaro mágico”.

Como Ba-Mus esperava, o chefe levantou os ombros, irritado.

“Pássaro mágico? Por que não um elefante voador? Você acha que estamos nas *Mil e uma noites*? Que ignorância! É a polícia que encontra provas, e não os pássaros!”

Sem entrar no debate sobre ciência e superstição — debate que o chefe sempre ganhava pela força dos argumentos e das ameaças —, Ba-Mus concluiu: “*Voilà*. Isso é tudo que se sabe da história”.

“Obrigado. Está dispensado.”

O computador pareceu ter sido desligado e saiu da sala. O inspetor fechou a porta e se acomodou confortavelmente à mesa. Com o queixo repousado sobre as mãos juntas, se pôs a refletir. A história do pássaro mágico o incomodava e, quanto mais tentava ignorá-la, mais pensava nela. Começou a imaginar uma espécie de Simurgue, uma criatura alada colorida e gigantesca que subia aos céus e em seguida mergulhava de volta à Terra carregando uma serpente que se retorcia com violência em suas garras. Estou perdendo tempo com uma lenda idiota, pensou, incomodado.

Então se lembrou de uma expressão que Hélène às vezes usava: *oiseau jacasseur*. Ela teve que lhe explicar o significado de *jacasseur*: falar muito depressa, de modo irritante.

Um pássaro falante?

Isso lhe lembrava alguma coisa. Fechou os olhos e se concentrou na imagem. Memórias de sua infância e adolescência, coisas que tinha lido e ouvido foram aparecendo numa espécie de auréola sobre ele...

Após alguns instantes, abriu os olhos e sacudiu a cabeça. Em seguida, pegou o telefone e, depois das saudações habituais, perguntou a seu interlocutor: “Nós

temos acesso a uma lista de pertences do paxá anterior ou a objetos que pertenceram a ele? Isso mesmo, Mulay Mimun... Podemos ver? Vai levar muito tempo? Eu tenho todo o tempo do mundo!”, ele disse, deixando escapar uma risada levemente amarga ao pensar em sua condição de viúvo sem filhos. “Pode me mandar por um *chauch*, algum funcionário de confiança?”

Desligou o telefone, acendeu um cigarro e abriu ao acaso uma das pastas espalhadas na mesa.

Dias depois, Hamduch recebeu a lista que solicitara. Correu o dedo muito rapidamente pela página até parar em um nome — o nome de um riad que pertencia ao paxá.

“Bingo!”, exclamou em voz alta, sorrindo.

No fim da via, a maioria dos transeuntes costumava virar à esquerda. Raramente alguém entrava à direita. No chão, marcas escuras deixadas por centenas de motocicletas ao longo dos anos indicavam apenas uma direção: esquerda. Era o caminho que ia dar em Bab Dukkala, a principal via no interior da medina.

O inspetor, acompanhado de seu assistente Hariri, virou decidido à direita. Ele sabia aonde estava indo.

Em frente ao riad, um vigia idoso aguardava sentado em uma banqueta. Vendo Hamduch e Hariri se aproximarem, levantou-se e discretamente espanou a poeira da roupa, como se estivesse se colocando em posição de sentido.

“*Assalam alaikum!*”, saudou o inspetor.

“*Alaikum assalam, Si inspetor*”, respondeu o vigia.

“Os franceses estão em casa?”

“Não, *sidi*, eles saíram para comprar frutas e verduras. Mas pode entrar.”

“Tudo bem, vou esperar eles voltarem. E jamais deixe ninguém entrar numa casa na ausência de seus proprietários. Nem mesmo eu! A lei proíbe.”

Quinze minutos depois, os proprietários, François e Cécile, voltaram do suq. O inspetor os cumprimentou sorrindo e fez um tipo de saudação levando dois dedos à testa. Depois apresentou a si e a seu assistente.

“Polícia? Espero que não seja nada grave”, disse François.

“Não, não”, tranquilizou-os o inspetor. “Apenas gostaria de dar uma olhada no riad, com a sua permissão, claro. Se trata de um caso antigo que não tem nenhuma relação com vocês. Aconteceu muito antes de comprarem...” Hamduch fez uma pausa e gesticulou em direção à porta da antiga propriedade.

François e Cécile trocaram olhares e deram de ombros ao mesmo tempo.

“Bem, podem entrar”, disse François. “Estamos sem chá, mas podemos oferecer um suco.”

“Não, obrigado.”

Os quatro entraram na casa e o vigia permaneceu do lado de fora. O inspetor começou a vasculhar, virando a cabeça para todo e qualquer canto.

“O senhor está procurando alguma coisa?”, perguntou François.

“Sim, estou atrás de um trecho de parede revestido de *zallige*”, Hamduch respondeu. “De tom amarelo.”

“*Un petit pan de mur jaune*”, brincou Cécile.

“O quê?”

“Nada, é só uma referência literária, uma frase de Proust no *Em busca do tempo perdido*”, disse Cécile. “Mas há uma parede semelhante a essa aqui.”

“Busca? Esse é o nome do meu departamento”, observou o inspetor com ar de aprovação. “O seu Proust... ele escreveu sobre Marraquexe?”

“Não, não... o pedaço de parede amarela fica em Delft, na Holanda, a cidade natal de...”

Hamduch levantou a mão, interrompendo Cécile.

“A Holanda não está na minha jurisdição. Deixe para lá. Onde é a parede?”

Eles o levaram até um dos quartos laterais, deixando Hariri para trás. Metade de uma das paredes estava revestida de *zallige* ocre. Curiosamente, não havia outra igual, o que fazia parecer um teste que acabou não agradando, mas que também não valia a pena desfazer. Hamduch analisou a parede com atenção, ajoelhou-se para examinar a base e depois bateu em diferentes pontos, colando a orelha à superfície. Hariri e o casal francês assistiam a tudo perplexos.

“O senhor acha que há alguma coisa aí atrás?”, perguntou Cécile. Sem aguardar a resposta, ela se virou para o marido. “Você se lembra dos Hébert? Eles compraram uma casa antiga em Paris, no Marais. Quando faziam uma reforma, descobriram uma parede falsa e, atrás dela, numa maleta, um violino valiosíssimo. Um Guarneri, acho.”

“Podemos ficar ricos!”, disse François.

O inspetor, ajoelhado para examinar a parede, ergueu-se com dificuldade e respondeu: “Não sei se é possível ficar rico no mercado de ossos. Se for, o senhor está com sorte: há o esqueleto de um funileiro atrás desta parede”.

Cécile cambaleou e tombou numa poltrona, enquanto François perguntava, espantado: “Funileiro? É algum animal?”.

Hamdouch deu de ombros e pediu que seu assistente providenciasse um pedreiro e dois policiais robustos — sem se esquecer das maletas, dos martelos e de um saco plástico bem grande!

Enquanto François, abaixado, cuidava de Cécile, que recobrava a consciência aos poucos, o inspetor lhes explicava, sereno: “*Avec votre permission*, faremos um buraco nesta parede para retirar o cadáver escondido aí. Mas não se preocupem, fecharemos tudo novamente”.

Hamdouch saiu para fumar um cigarro à sombra da laranjeira.

Alguns dias depois, Hamdouch estava sentado em sua cadeira de sempre no restaurante — os restos de um *tagine* de frango com azeitonas à sua frente. Com a fome saciada, soltou um arrotto discreto e pediu um chá de hortelã. Por fim, concordou em revelar o caso para o dono do restaurante, que o rodeara a tarde inteira.

“Você sabia que Brahim Labatt também era encanador? Provavelmente foi contratado para fazer alguns bicos no riad, e, discreto como era, esqueceram completamente que ele estava lá. Sem querer, Labatt acabou presenciando o assassinato do funileiro pelo paxá ou por seus capangas. Eles atraíram o rapaz sob o pretexto de encomendar bandejas de cobre ou algo do tipo. Pobre homem. Espero que não o tenham emparedado vivo. Do contrário, que fim atroz... De qualquer forma, Labatt escapou dali sem ninguém se dar conta e em poucas semanas concluiu a tela delatora. De certa forma, era a única maneira de expressar o que vira...”

“Mas por que ele não denunciou o paxá à polícia?”, perguntou o dono do restaurante.

“Naquela época, ninguém confiava na polícia, muito menos um simples trabalhador, *un fils du peuple* como Labatt. E mais: enfrentar o paxá... poucos ousariam.”

“Que época perversa”, lamentou o dono do restaurante.

“Contudo, Labatt não conseguiu guardar um segredo tão sombrio e o contou a alguém. Disse ter provas de tudo. Mas seu confidente deu com a língua nos dentes e o boato se espalhou. Madani soube e, como era mancomunado com o paxá, logo o avisou. O pintor foi preso discretamente — e sem dúvida torturado —, depois terminaram o serviço enforcando-o e fazendo parecer suicídio”, concluiu o inspetor. “Revistaram sua casa de cima a baixo em busca de documentos que incriminassem o paxá. Estavam desesperados para encontrar um caderno, uma carta, algumas palavras soltas num pedaço de papel, mas ninguém pensou nas telas — nas pinturas que enfeitavam as paredes! Foi ali que ele fez sua detalhada denúncia. Mesmo assim, era necessário saber observar...”

“Mas como o senhor teve a ideia de vasculhar aquele riad? Como soube?”

Hamduch sorriu. “Riad Bulbul? ‘Bulbul’ não lembra você de alguma coisa? O pássaro falante das *Mil e uma noites*? Tão logo soube que a casa havia pertencido a Mulay Mimun, entendi a origem da história do pássaro mágico que um dia revelaria tudo. Labatt teria dito ‘bulbul’ e, de boca em boca, a referência ao riad se perdeu; as pessoas preferiram uma explicação fantástica a um simples endereço real. Mas eu, eu ajo com a razão. Sou *cartésien*, como dizia minha esposa, que Deus a tenha em Sua misericórdia.”

“O que acontecerá com o ex-paxá? E com Madani, o ex-chefe de polícia?”

Hamduch deu de ombros. “Nada. Nada de mais. Mulay Mimun sempre teve costas quentes nas altas instâncias e, em todo caso, está velho e senil, já esqueceu tudo. Que juiz reabriria esse tipo de caso? Não se pode mandar um velho gagá para a prisão. Quanto a Madani, já está aposentado. Se Mulay Mimun está absolvido, não há razão para se preocupar com seu cúmplice... sua *âme damnée* — alma condenada —, como dizem os franceses. Conhece a expressão?”

“Não”, suspirou Driss Bencheikh. “Estou um pouco desapontado que a justiça não será feita.”

“Ah, mas de certa forma, ela foi feita. A reputação desses dois infelizes está arruinada para sempre. Vão terminar a vida envergonhados, odiados por todos, mesmo pelos mais próximos, esperando ir direto para o inferno.”

“São dois... como era? *Ânes damnés*.”

“Bravo, você aprende rápido. Mas ainda precisa praticar um pouco a pronúncia”, brincou o inspetor. “É *âmes*, e não *ânes*... são almas e não burros. Ainda que Madani sempre tenha sido burro, na minha opinião; é de se pensar como ele conseguiu fazer carreira. Minha hipótese é de que foi prestando favores aos poderosos. Como nesse triste caso.”

O inspetor bebeu um longo gole de seu chá e apontou para o dono do restaurante. “Ainda há uma peça desse mistério que preciso resolver. A pintura não estava aqui quando comecei a frequentar seu restaurante. Por que só pendurou o quadro na minha frente há pouco tempo?”

Driss Bencheikh balançou a cabeça, puxou uma cadeira e se sentou ao lado do inspetor.

“Bem, achei que o senhor tivesse adivinhado.”

“Não. Como eu disse, esse é o último mistério.”

Então o dono do restaurante continuou: “Brahim Labatt era primo da minha esposa, e acabei herdando esta tela, entre outras. Eu sabia que ela continha um segredo, porque foi seu último trabalho, e era muito diferente do que ele pintava. Não era algo aleatório... a pintura devia significar alguma coisa. Nunca acreditei que Brahim tivesse se matado, mas também não conseguia imaginar o que tinha acontecido. Quando o senhor começou a almoçar aqui todos os dias, agarrei a oportunidade. Uma mente de investigador como a sua certamente iria decifrar a tela”.

O inspetor permaneceu em silêncio por alguns instantes, depois levantou o copo na direção do quadro. O dono do restaurante o imitou e, com os olhos marejados, murmurou: “Ao artista!”.

* *Conto escrito originalmente em francês.*